

INCESTO: Caminhos e descaminhos frente ao “ Horror”.

INCEST : Path and deflect front of the “Horror”.

Stetina Trani de Meneses e Dacorso*

Palavras-Chave: Incesto – conseqüências psíquicas – subjetividade dos abusados – reação ao trauma – violência erotizada – grupo incestuoso.

Resumo: Esse texto propõe uma reflexão sobre as vicissitudes da organização psíquica de mulheres adultas que sofreram abusos sexuais na infância. Não há preocupação com a definição de estrutura. Para tal, utiliza-se de teóricos que pensaram sobre o assunto e vinhetas clínicas para construir questões e hipóteses sobre as conseqüências na subjetividade dessas mulheres.

...porque um século de cartas e de experiência lhe ensinara que a história da família era uma engrenagem de repetições irreparáveis, uma roda giratória que continuaria dando voltas até a eternidade, se não fosse pelo desgaste progressivo e irremediável do eixo.

(Cem anos de solidão. Gabriel García Márquez.RJ:Record,1967)

A razão da escolha do tema se deve a vivências incestuosas que nos últimos anos tem chegado até à clínica! Os que vêm com esta dor são adultos que passaram por esta situação: olhares, relações sexuais, bolinações....Minha questão, sem preocupação com um diagnóstico de organização psíquica é : como estes adultos administraram este trauma? Que conseqüências provoca em suas relações amorosas? Para pensá-las privilegiamos a escuta clínica singular: cada uma das situações e pessoas com sua especificidades. O tema é complexo, ficamos tentados a todo instante em analisar a

* Psicanalista-CBP-RJ; Professora titular do curso de Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora –CES.JF; Mestre em Psicologia AWU-USA;Supervisora e coordenadora de seminários na Formação em Psicanálise Sobrap-JF;Mestranda em Letras-Ces.JF; Membro efetivo de Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos (EBP –RJ) e da Sociedade de Estudos Psicanalíticos de Juiz de fora – SEP-JF

dinâmica familiar, a organização psíquica do pai ou da mãe. Penso que se assim o fizermos, é como se estivéssemos submetendo novamente ao silêncio aquele que foi violentado, em decorrência de sentimentos e dificuldades provocadas em nós pela escuta daqueles que sofreram situações de abuso. Em momentos de discussão do tema, vários colegas contribuíram, nos ajudando a pensar através de sua clínica e nos proporcionando novas articulações. O assunto é amplo e penoso.

Algumas questões surgidas na clínica e nas supervisões acadêmicas despertaram a minha atenção. Pontos que requerem uma escuta, um pensar e uma troca maior. São: o traumático do abuso e a administração psíquica desse excesso excitatório e erógeno; a angústia de aniquilamento ou de morte; manutenção da ternura e identificação com o abusador; relação de cuidado com a mãe que é na maioria das vezes uma figura ambígua e percebida como frágil.

Enquanto analista a situação é angustiante também por aquilo que nos leva a ocupar o lugar de analista, isto é, o oferecimento de uma escuta da qual não se pode escapar. Se referindo ao trabalho do analista e à transferência, Freud nos diz que chamamos o demônio e depois tememos e queremos que ele recue? Ao ouvir sobre o incesto nos deparamos com o demônio, mas ao vê-lo ficamos de frente com o “horror”.

Começamos pensando o lugar do pai na família, na sua relação com a filiação no grupo. Julien (1997) esclarece que na Roma Antiga o pai exercia o poder absoluto em sua família – Chefe da casa se apodera da mulher e a faz conformar-se à condição legal de mãe e possui direito irrestrito sobre os filhos. Neste período a paternidade é auto-referencial. O patriarca autoriza-se pai de uma criança, reconhecendo-o (a) como filho (a). O que define a paternidade não é a consangüinidade. A paternidade é adotiva e voluntária. Com o advento da tradição judaico-cristã o pai é aquele que o casamento designa. A criança tem por pai o marido da mãe. O direito de paternidade sobre a criança repousa não mais sobre o poder político ou religioso, mas sobre um laço prévio – a cerimônia de produção dos cônjuges.

Sigmund Freud em Totem e Tabu (1913), relata o constructo mítico da horda primeva, quando se estabelece o tabu do incesto e a exogamia. Princípio das religiões, regras e deuses protetores – totens. Quando o mundo se mostra assustador faz-se

necessário que o ser humano sintasse-se de alguma forma protegido e com a sensação de que tem para o que, para quem, e para onde recorrer na busca de proteção e garantias.

Neste texto Freud conclui que as duas proibições do totemismo: matar o pai e ter uma mulher do clã como objeto sexual coincidem com os dois crimes do Édipo: matou o pai e casou com a mãe. O pai morto é idealizado, garantindo o pacto entre irmãos, há a renúncia ao gozo sem limites e todos podem exercer a sexualidade respeitando a regra comum. Este constructo funda a civilização, o pai edípico substitui o pai gozador, curvando-se ele também à lei que enuncia. A horda primeva é a origem do mito edípico. A proibição instaura o desejo incestuoso! A tese freudiana é que o desejo de incesto é inerente ao homem e só um interdito, formulado como uma lei pode afastá-lo dele (Roudinesco, 1998).

Existe um funcionamento que se apresenta na maioria dos casos de abuso. As famílias se isolam do social. O “de fora” é o desconhecido que provoca angústia porque, supomos, denuncia os ritos, leis, funções e papéis sociais. Razon (2007) em seu livro, baseado em pesquisas, também se deparou com essa situação.. A autora analisou que o grupo não se submete a nenhuma regra, só aquelas oriundas de um pai totêmico, tirânico, aterrorizador e violento. Todo o grupo sucumbe à violência traumatizante. O grupo fechado em si mesmo. Nenhum interdito articula as relações entre cada um dos protagonistas. Nesse universo, cada um desliza na pele do outro, nenhum limite psíquico e corporal existe.

“Meu pai não gostava de ninguém na nossa casa. E nem a gente podia ir à casa das pessoas. Hoje, nós irmãos, somos iguais. Gostamos de estar juntos e de amizade também. Mas quando começa a querer ver toda hora, ficar ligando, a gente logo se afasta” (P.,39 anos,molestada pelo pai dos 9 aos 12 nos).

Em Totem e Tabu, Freud também aborda a questão da identificação dos irmãos ao pai da horda, comunhão totêmica (com o pai e entre si pelo traço comum de ideal de ego) articulando aquela ao objeto perdido. Com a identificação existe uma outra perspectiva para analisar a rivalidade entre irmãos (Hersog,2006), no complexo de Édipo. O ideal da criança será processado a partir de exigências feitas e conseqüentes demonstrações de afeto dos pais quando a criança cumpre as exigências. Desta forma o ideal constitui um modelo a ser seguido e às expensas dos investimentos eróticos dos pais. A atividade erótica cede sua energia para formar o ideal que por sua vez censura os impulsos sexuais mantendo-os recalçados

O investimento objetal nos pais frustra-se diante da proibição cultural do incesto, cedendo espaço às identificações, a criança molda-se desta forma à imagem dos objetos perdidos. Em Totem e Tabu o pai é responsável pela coesão do grupo, mas em Psicologia das massas e análise do eu (1921), o representante paterno pode ser um projeto ou um líder que vão constituir o ideal do grupo.

Jean Allouch em *A sombra do teu cão. Discurso psicanalítico, discurso lésbico* (2005), diz que o pai sedutor é escandaloso porque aparece pedindo outra coisa, nos circuitos da demanda. Ora, ele não o pode enquanto pai. Enquanto pai sua demanda está bloqueada, congelada, fixada. O escândalo não se deve tanto a que o pai sedutor seduza, nem tanto ao mal que faz à criança ao erotizá-la: o escândalo se dá que ao seduzir ele se destitui enquanto pai. A questão é que não há pai sedutor. Um pai sedutor se destitui enquanto pai, fica fora de seu si paterno. Pai sedutor=não há mais pai. Isto faz sentido na clínica? Que é o que nos interessa enquanto clínicos. Penso que algumas questões de pacientes podem se encaixar nesta análise: “..ele era mulherengo não precisava fazer isto comigo, por que o fez?” ..”Eu tive pai até os nove anos, depois é outra pessoa..” Se analisarmos estas questões pelo olhar de Allouch, o pai se afasta de seu lugar de protetor e instala o pai da horda, o que usa de todas as mulheres....instalando o desamparo num período de vida onde é impossível buscar a sensação (e sabemos que é assim) de amparo por si mesmo! Tendo de lidar com dois registros: pai e homem sedutor.

Sandor Ferenczi, no texto de 1933, *Confusão de línguas entre os adultos e as crianças*, aborda a situação como linguagem da ternura e da paixão. Ferenczi analisa que seduções incestuosas se produzem quando um adulto e uma criança se amam, a criança tem fantasmas lúdicos. O jogo toma uma forma erótica, porém permanece na ternura. Os adultos com predisposição psicopatológica, vão confundir as brincadeiras das crianças com os desejos de uma pessoa com maturidade sexual. Deixam-se levar pelos atos sexuais em pensar nas conseqüências. Primeiro as crianças odeiam, depois se sentem física e moralmente sem defesa. Sua personalidade fraca não consegue reagir contra a autoridade impositiva dos adultos. O medo excessivo obriga as crianças a obedecer automaticamente, esquecendo-se de si e identificando-se com o agressor.

Uma situação emocional que chama a atenção e presente na maioria dos casos de abuso é a ternura mantida em relação ao abusador. São duas idéias incompatíveis convivendo juntas: a raiva pela violência vivida e a manutenção da ternura. Pensei em algo como fragmentação, cisão. Ferenczi, no texto citado analisa esse estado emocional. Para o autor, ocorre uma introjeção do agressor, que desaparece enquanto realidade

externa, e torna-se intra-psíquico. O que é intra-psíquico pode, seguindo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória positiva ou negativa. Assim a ternura é mantida.

“ Meu pai era muito homem! “ Com orgulho continua: “ Todos nós parecemos com ele: somos bravos, falamos claro, não mentimos e respondemos na hora” (M. 42 anos, molestada pelo pai dos 10 aos 14 anos, família de 5 filhos; 4 mulheres e um rapaz)

Nos textos de Freud citados anteriormente, é analisada a submissão decorrente da própria fragilidade do ser humano que vai amar e ceder àquele que alimenta e protege. Amando-o pelo que recebe, procurando cumprir as exigências percebidas oriundas deste. Desamparo que não termina, mas que vai tomando outras feições e defesas ao longo da vida de cada um, utilizando-se dos vários objetos externos que investidos das representações internas vão propiciar uma sensação de segurança e proteção. Mas faz-se necessário que se tenha podido confiar e acreditar, em algum momento, que alguém podia cumprir este papel. É isto que nos faz acreditar...seja lá no que for, senão o caminho fica muito árduo e solitário, quiçá impossível em algumas situações, na busca e crença de possíveis amparos.

Falhando os artifícios usados para possibilitar segurança, o desamparo vai provavelmente, surgir provocando o sentimento de perigo e conseqüentemente angústia. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926) a angústia é uma resposta à sensação de perigo, assim possui uma representação psíquica. O perigo analisado em nível da realidade num primeiro momento, é visto posteriormente como a ameaça sentida por cada sujeito particularmente em sua vida psíquica.

Enquanto Freud vai desenvolvendo seu pensamento, a angústia surge vinculada ao temor de castração. Aí a pulsão funciona como perigo para o eu. O aparato psíquico possui uma barreira protetora para o excesso de excitação. Quando a carga excitatória é excessiva rompendo este aparato o resultado é catastrófico para um psiquismo em organização. Aqui podemos levantar a teoria da sedução. Num segundo momento Freud, em carta a Fliess, diz não acreditar mais em suas neuróticas e se refere à realidade psíquica em pró da realidade concreta. Mas também se refere que todas as fantasias e representações psíquicas se apóiam em um dado de realidade. Assim podemos pensar que o corpo foi “violentado”, não importando o tipo de violação que ocorreu, no sentido de trauma que nos referimos anteriormente, recebendo uma carga excessiva de erotização. Em psicanálise vale a construção de cada um, mas nessas situações temos de lidar com uma situação factual. O aparelho perceptual é que permite a apreensão do mundo, se o mesmo foi invadido por um excesso, como o elabora? Já que a partir daí a pulsão exigirá um trabalho à mente, forçando a construção de uma representação. Essa abordagem

nos auxilia pensar as representações construídas sobre as relações amorosas., a sexualidade, filiação. Em várias situações de abuso a consequência desse excesso de erotização não foi o repúdio às relações amorosas, nem à sexualidade como encontramos em vários teóricos que trabalharam o tema. Mas uma sexualidade, talvez um pouco mais exacerbada sem que possamos nos referir a traços de prosmicuidade. O que chama a atenção, nesses casos, é o prazer em dizer que os filhos (homens e mulheres) puxaram o pai no gostar de sexo. É algo a se analisar com mais profundidade e calma.

Se desviarmos nosso olhar por um momento para as mães nessa situação, encontramos o trabalho de Neto e Martinez (2002). Eles a analisam como o primeiro aparelho de para- excitação , enquanto objeto de investimento libidinal. Se ela falha a criança é jogada no desamparo! Quando a mãe falha enquanto escudo para o excesso de excitação, protegendo a criança deste excesso, nos deparamos com questões angustiantes das mulheres que vêm à clínica com vivências de incesto e que demoram um tempo para formulá-las: minha mãe desconfiava, percebia, sabia? Ou não? Como minha mãe não percebeu algo de errado comigo? Como ela não percebeu o que acontecia? Acho que ela não ia acreditar em mim... Como entender que a mãe saísse e as deixasse a sós com um Pai que tudo podia. Quando não havia limites a este pai da horda! Essas frases são presentes em todos os casos!

Pensemos a angustia nesta situação articulada ao desamparo da criança frente a uma situação onde se encontra submetida ao objeto violentador. A angustia, enquanto um sinal, pode ser analisada partindo das colocações clínicas como um estado emocional de alerta e ao mesmo tempo uma apreensão em relação ao contexto em volta: “ minha mãe saía, e eu ficava sozinha com ele, não sei porque ela me deixava...aí eu corria para o quintal, para a rua, tinha que ficar me escondendo e ele chamando...e não podia contar para ninguém” (P. 38 anos) .

Para pensar as possíveis consequências desse ter que dar conta de si sozinha, recorreremos novamente a Ferenczi em seu texto *Confusão de línguas entre adultos e crianças*, e encontramos sua análise do estágio da ternura. O autor qualifica este estágio como o período de amor objetal passivo, que é quando a identificação antecede ao amor objetal. Se nessa fase de ternura se impõe às crianças mais amor ou um amor diferente do que desejam, isto pode proporcionar as mesmas consequências patógenas que a privação do amor. São situações que podemos considerar como traumáticas, já que implicam num excesso excitatório num psiquismo infantil que não possui meios de elaboração. Ferenczi expõe consequências que também percebemos em nossa clínica. A aflição extrema e a angustia de morte, parecem ter o poder de despertar e ativar

subitamente disposições latentes, ainda não investidas e que esperavam a sua maturação em quietude. Após a agressão sexual a criança pode desenvolver emoções de um adulto já maduro. Nessa situação podemos falar de progressão traumática.

As pessoas relatam que sentem que algo lhes aconteceu, ficaram mais espertas, perceptivas, entendiam o mundo à sua volta e achavam as pessoas de sua idade muito “tolas e burrinhas”.

Ferenczi articula o abuso sexual com a angustia de morte e o sentimento de aniquilamento. Aqui me lembro de um texto de Jurandir Freire Costa, *Narcisismo e Violência*, de 1984, ele analisa que é violenta toda situação onde não se consegue prazer e levanta a questão do abuso sexual, onde uma situação da ordem da erogeneidade e eroticidade vai provocar uma angustia de morte porque o sexual é usado para destruir, aniquilar, destituir o outro de sua vontade para submetê-lo. O “estar paralisado” é uma afirmação constante nas pessoas que passaram por abuso sexual.

O fluxo pulsional em si não é angustiante, mas o é se o aparelho psíquico não consegue direcioná-lo, a angustia não é da pulsão mas do quantum excitatório. No abuso sexual a vítima tem de desinvestir o objeto abusador e realizar movimentos defensivos no seu aparato psíquico que vai se unir ao estado de angustia realístico e ainda administrar o quantum excitatório invasivo oriundo da sexualidade destrutiva adulta.

O que corre perigo na violência sexual não é a identidade sexual do sujeito, mas é a desagregação do núcleo da identidade egóica, daí a angustia de morte, o aniquilamento. Lembramos aqui o conceito de “a posteriori” de Freud, quando o significado de uma vivência vem no “só depois”. Se retomarmos a teoria de sedução de Freud, num segundo momento vamos trabalhar com a realidade psíquica e não a realidade concreta. É uma leitura que nos auxilia a pensar a sexualidade, aparentemente normal, que encontramos na clínica. Enquanto não é a identidade sexual atingida, mas sim uma desagregação egóica, aqui encontramos em vários casos uma contenção na vida social: trabalho e casa. Existe sempre uma angustia circulando qualquer situação fora do contexto casa e trabalho, algo da ordem da tragicidade...

A angustia de morte provoca o sentimento de aniquilamento, não existe uma representação que possa acalmar, não há uma descarga possível para a tensão que se estabelece frente à situação de alerta, poderíamos nos referir a uma angustia realística. Afinal, a situação se repete e todos relatam um estado de expectativa: vai acontecer novamente, mas pode ser em qualquer noite; quando a família assiste televisão, no momento do banho, quando vão ser colocados na cama para dormir....

Essa angustia pode ser considerada fóbica ou é de morte? Esse estado de alerta ocasiona uma angústia que ninguém consegue explicar. Mas a situação é da ordem do aniquilamento, são ameaçados para não falar, tem de suportar em silêncio os toques abusivos, sem ter para onde ou quem recorrer. Nos relatos há um cuidado para se proteger a mãe de forma que a mesma não tome conhecimento da situação por que senão “sofreria demais”! Entre a idéia de que quem cuida sabia e nada fez e o pensamento de alguém que deveria saber cuidar mas é tão frágil que deve ser cuidado por aquele que realmente é frágil, as pessoas escolhem a última hipótese e fazem de tudo para que a primeira idéia fique distante de si. É interessante ressaltar que a clínica nos mostra que quando a primeira idéia- da mãe que sabia mas preferia não saber – começa a se apresentar à consciência, o que primeiro emerge é a raiva, uma raiva surda, constante e não muito intensa. E as filhas não compreendem, porque afinal a mãe é frágil, que é a segunda idéia utilizada para explicar a não intervenção da mãe. O mais interessante ou triste, enfim, não sei se cabe um adjetivo é que, geralmente as filhas abusadas pegam para si o encargo de cuidar das mães na velhice. Essa raiva as faz sofrer muito. São situações muito angustiantes, porque de qualquer jeito o sofrimento é insuportável. Se a mãe é frágil ficam sós com sua dor sem os cuidados; na outra situação se a mãe preferia não saber continuam com a dor do desamparo aumentado pela confirmação de que alguém não queria cuidar.

Em algumas situações a angustia de morte que provoca um aniquilamento da identidade é resolvido construindo-se uma possibilidade de salvar pessoas que se encontram à sua volta. É uma construção que justifica a escolha de ser o objeto de abuso. Para que outros irmãos não o sofram, para que a violência não recaia sobre a mãe, para que ele fique calmo e não maltrate a família inteira, porque ela era a mais “forte”, portanto capaz de suportar as investidas. Prevalece a idéia da mãe frágil. E podem suportar o que sofreram construindo para si a imagem de fortes, decididas, protetoras.

Estas representações parecem provocar uma calma num estado de sentimento indecifrável, que consideramos pertinente chamar de angustia. Angustia, aqui, como o sentimento indecifrável, sem uma nomeação, sem algo que o possa definir. Sem a representação que possa acalmar o sentimento da razão pela qual se esta passando por aquela situação. No fundo o que fica permeando a mente é como foi que foram escolhidas e por quê? Em algumas situações a palavra que surgiu foi “eleita”.

Na primeira apresentação destas idéias, houve discussões se eu tinha casos de câncer no aparelho reprodutor, em mulheres que sofreram abusos. Este questionamento abre outra via também extensa e complexa! O corpo atuando, como dizia Freud e não

descarregando. O corpo erógeno citado por Jurandir, quando o sexual é usado de forma destrutiva com desejos de morte num outro violentado. Não tenho casos de câncer mas de fortes dores no baixo ventre, que levaram a exames de todos os tipos ao longo de muitos anos, já que as dores começaram por volta dos quinze anos. Em momentos distintos da análise foi questionado se as dores, quem sabe, não poderiam ser decorrente de sofrimento psíquicos, e nos dois casos após uns dois a quatro meses as dores foram diminuindo até parar. Não considero que essas dores estejam sanadas, mas que houve uma reorganização econômica e dinâmica nessa representação corporal, é algo que requer mais tempo. Mas uma primeira hipótese possível é que esse corpo erógeno atuava a violência e sendo punido por sua erogividade. Atuando prazer e desprazer! Contudo a delicadeza da situação com suas conseqüências requerem mais aprofundamentos e cuidados para essas afirmações.

Como dissemos no início é um tema em elaboração . Esperemos com calma o que a clinica nos apontará a posteriori. Afinal é um trabalho de ir e vir, teoria e prática. Escuta e construção.

Incest: path and deflect front of the “Horror”

Key-words: Incest – consequences psychic – subjectivity of abused – reaction to trauma-violence erotised – incestuous group

Abstract: This text propose a reflection on the vicissitudes of the psychic organization of adult women who support sexual abuse in the infancy. For such, use are the theorists Who reflect of this theme and clinical vignettes and questions assumptions about the subjectivity of this women.

REFERÊNCIAS

COSTA, Jurandir Freire. *Violência e Psicanálise*. RJ: Graal, 1984.

FERENCZI, Sandor. *Escritos psicanalíticos 1909-1933*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v. XIII, p. 17-193.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angustia. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v. XX, p. 101-210.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do ego*. In: _____. *Edição standad brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1979. v. XVIII, p. 91-183.

HERZOG, Regina; MOGROBI, Daniel. *Sob o signo da incerteza: autoridade simbólica e desamparo*. In: *Estudos de Psicanálise*, Natal vol. 11 nº2, 2006.

JULIEN, Philippe. *O manto de Noé: ensaios sobre a paternidade*. RJ: Reventer, 1997.

LAPLANCHE, J./PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da Psicanálise*. SP: Martins Fontes, 1967.

MELLO NETO, Gustavo/MARTINEZ, Viviana. *Angustia e Sociedade na obra de S. Freud*. In *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 7, 2002.

RAZON, Laure. *Enigma do Incesto*. Companhia de Freud, 2007.

ROUDINESCO, Elizabeth/PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. RJ: Jorge Zahar, 1998.